

CONTACTO E AJUDAS

Pelo Cap. A. ANCORA
Instrutor Chefe da E. C.

Ao nosso vêr estão êsses dois assuntos de tal modo unidos na prática que nos parece útil tratar de ambos num mesmo capítulo, muito embora isso determine um maior esforço pela necessidade de uma sintese mais cuidadosa.

Pensamos que contáto seja qualquer especie de ligação, que o cavaleiro estabeleça com sua montada, de sorte que ha lugar para muito dizer, entretanto procuraremos limitar as nossas considerações ao que é mais notavel, é, portanto ao alcance mesmo dos cavaleiros de primeiro gráu.

Quatro são os pontos essenciaes de contáto: mãos, pernas, nádegas e joelhos; por intermedio dos quais um cavaleiro fino é capaz de, com os olhos fechados, dizer o que está executando o seu cavallo.

Deixemos porém aos que não mais precisam de nós a discussão do contáto estabelecido pelos dois últimos pontos para nos interessarmos tão sómente pelos primeiros, que são os que servem a todos e porque são também aquêles de que nos servimos para o emprego das ajudas naturais.

O contáto da mão é essa aderencia, por meio da rédea e da embocadura, que a mão do cavaleiro tem com a boca do cavallo. É constante, mas extremamente variavel com uma série de fatores devidos ao homem e ao cavallo.

Num cavallo de alta equitação em que segundo o Gen. L'Hotte a flexibilidade atinge ao maximo esse contáto é uma leveza útil, que exclúe qualquer ideia de pêso, ao passo de que num animal de applicação sómente já surge a noção de um descanço mais ou menos fórte, dando lugar a uma denominação especial de apoio doce ou fórte. Os cavalos de corrida por exemplo precisam de um apoio fórte.

As são sem grandes rodeios as nossas impressões sobre contáto da mão, que sente mas deixa a boca do animal em repouso. Isto é importante porque a boca do cavallo é como uma navalha, depois que se lhe faz um dente degrada-se-lhe também o destino.

O contáto da perna é do mesmo modo uma aderencia da barriga da perna do cavaleiro á barriga do cavallo. Sente mas não aperta. A sensibilidade do animal é que naturalmente marca uma aderencia maior ou menor.

Manter o contáto de pernas e rédeas é uma obrigação precípua do cavaleiro, que deseja conduzir bem a sua montada. Estar em contáto é estar pronto para agir mas sem agir.

Agora sim podemos estudar as ajudas, estudo aliás muito simples, mas que infelizmente tem sido bastante descuidado sob a alegação de que a prática é muito diferente, quando isso não é absolutamente verdade.

Diz o nosso regulamento: Governar um cavallo é fazê-lo mover-se, regular-lhe o movimento e dirigir êsse movimento. Para tanto dispõe o cavaleiro de diversos meios que são denominados ajudas.

As ajudas podem ser naturais e artificiais as primeiras são as pernas, as rédeas e o pêso do corpo e as segundas são todos os meios de dominio, que o homem creou para reforçar ou substituí-los.

As pernas — Assim quizémos começar para gravar melhor um grande principio de equitação: a ação das pernas precede sempre a das mãos. Além disso são as que colocam a maquina em movimento e porque é dêste é que colhemos os resultados, vejamo-las.

As pernas atuam de três modos diferentes: ágem, resistem ou cedem nos dois primeiros casos são ativas e no ultimo passivas. Ágem quando ha aumento de pressão, resistem quando a pressão se conserva sem alteração e cedem uma vez que essa pressão diminua. Deve ter-se em conta a ideia inicial do contáto para bem compreender-se o exposto.

A ação das pernas deve ser progressiva, exercida um pouco atrás da cilha e por pressão comçada pela barriga das pernas e extendida até o calcanhar se for necessario. Caso não tenham produzido o efeito desejado repstí-la com mais energia.

Ha dois efeitos possiveis: a ação das duas pernas ao mesmo tempo, produzindo o movimento para a frente e a ação de um só deslocando o post-mão para o lado contrario no movimento para a frente do todo nêste caso si a outra perna áge na cilha dá-se só a curvatura para o lado dessa última.

Estamos agora no ponto de um pequeno conselho, que poderá poupar muitas energias preciosas e dissabores. A energia da ação das pernas não está na quantidade de força empregada e sim na boa direção: é necessario agir como se quizesse exprimer o cavallo, empurrando para a frente. Um gato apertado do meio para traz dos dois flancos procurará se defender indo rápido para a frente, e tanto mais quanto for a força aplicada de traz para a frente.

Passemos ás rédeas porque ainda ha muito que escrever, para considerarmos sabido mais êsse ponto que ainda faz parte dos primordios dos conhecimentos e questões.

Semelhantemente ás pernas as rédeas ou as mãos, ágem, resistem ou cedem; ágem quando a fazem aumentar a tensão das rédeas, resistem quando mantêm essa tensão constante e cedem quando fazem diminuir a tensão das rédeas. Também aqui o ponto de partida é o contáto de que já tratámos.

As mãos devem exercer a sua ação de baixo para cima, ou de cima para baixo, nunca porém de deante para traz. Numa equitação mais fina o fechar e abrir dos dedos substituem os deslocamentos da mão.

Milhares são os efeitos pelas ações das mãos, porém desde os tempos da celebre Escola de Versaille que foram êles padronizados em 5 tipos de efeitos. Segundo o Gen. Blacque Belair foi D'Ause quem os levou daquela Escola para Saumur, onde são estudados. Já temos lido e ouvido comentarios em torno dêles, mas é porque se esquecem os seus detratores de que é necessario haver uma linguagem convencionada para se poder transmitir a outros com facilidade.

Estudemos êsses efeitos supondo a mão direita ativa e a esquerda passiva.

1.º — Rédea de abertura — A mão direita vai para a direita e para a frente, unhas voltadas para cima — o cavallo volve o focinho e a cabeça para a direita, o pescoço se encurva á di-



Silhueta de um salto do Cap. Horacio dos Santos em um concurso hípico na Vila Militar (1921)

reita e a espadua direita fica levemente sobrecarregada e em consequencia o cavallo volve a direita avançando.

2.º — Rédea diréta de opposição — A mão direita dá uma tensão á rédea direita em direção á garupa do mesmo lado — o cavallo volve o focinho e a cabeça docemente á direita e retaguarda, o pescoço se encurva para o mesmo lado e a espadua direita fica fórtemente sobrecarregada donde a volta curta á direita (recuando si o animal está parado e diminuindo a andadura si está em marcha) a garupa por opposição das espaduas é arremessada para a esquerda.

3.º — Rédea contraria, de apoio ou militar — A mão direita vai para a esquerda e para a frente, levando a rédea de encontro ao pescoço do cavallo — o cavallo volve o focinho para a direita, encurva o pescoço para o mesmo lado porém o pêso recáe sobre a espadua esquerda, pelo que volve a esquerda avançando.

4.º — Rédea contraria de opposição adeante do garrote ou simplesmente chamada 4.º efeito — A mão direita exerce uma pressão na rédea para a esquerda e retaguarda (em direção a espadua esquerda) — o cavallo volve o focinho e a cabeça docemente para a direita mas a espadua esquerda é que fica fórtemente sobrecarregada, donde o volver curto á esquerda (recuando si o animal está parado e diminuindo a andadura si está em marcha). A garupa por opposição das espaduas é arremessada para a direita.

5.º — Rédea contrária de opposição atraz do garrote ou simplesmente 5.º efeito — A mão direita exerce uma pressão na rédea para a esquerda e retaguarda (em direção a garupa esquerda) a rédea cruza um pouco atraz do garrote, o que determina o deslocamento lateral do cavallo.

As primeiras e terceira rédeas são as mais rudimentares e por isso mesmo as mais comumente empregadas na equitação elementar, sendo que a 1.ª só quando a embocadura é o bridão. A 2.ª quando empregada ao mesmo tempo de ambos os lados determina a diminuição da andadura, a parada ou o recuar.

A execução dos movimentos é comandada pelas pernas e rédeas, de sorte que não é possível uma ação desordenada e daí a necessidade de uma combinação racional no emprego das ajudas, combinação, que recebe a denominação de acôrdo das ajudas.

Exatamente esse acôrdo das ajudas é o que desejamos agora estudar porque dêle depende o adestramento e quanto mais perfeito fór tanto mais rapido e fino será o dominio ambicionado.

Enunciaremos os principios fundamentais dêsse acôrdo para em seguida incluímos nos cinco efeitos de rédeas já estudados a ação das pernas indispensaveis a execução facil dos movimentos.

Mão sem perna e perna sem mão. Isto quer dizer que quando as duas pernas ágem as mãos devem ceder, podendo entretanto resistir, isto um pouco já nos dominios da equitação superior e tambem ao contrario as pernas devem ceder quando ágem as duas mãos, todavia podem resistir.

Quando áge uma das mãos a outra deve ceder para permitir áquela a obtenção de todo o seu efeito. Ha entretanto, ás vezes necessidade de resistir para limitar o deslocamento da cabeça e do pescoço e neste caso a rédea é mais limitadora.

Quando uma perna áge a outra deve ceder pelas mesmas razões acima expostas e aqui tambem tem cabimento a mesma observação sobre a necessidade de resistir.

Dentro dessa ordem de ideias impõe-se o dever de enumerar a ação das pernas para os efeitos de rédeas já descritos:

- 1.º e 3.º ação das duas pernas;
- 2.º e 5.º perna direita ativa e esquerda passiva;
- 4.º perna esquerda ativa e direita passiva.

A esta altura é aconselhavel dizermos algo sobre o péso do corpo.

A parte superior do corpo do cavaleiro tem quasi dois terços do péso total, de sorte que seus movimentos não podem deixar de afetar aos executados pelo cavallo.

Assim sendo, logico é que o seu emprego seja regulado pela necessidade de aliviar as partes do cavallo, que devam estar

mais livres, o que se consegue fazendo um deslocamento do péso do corpo maior para as nádegas ou coxas sempre na direção a seguir.

É preciso que não se confunda os que empregam o péso do corpo como ajuda e a proposito com êses cavaleiros, que querem vér o pé do cavallo no momento de partir ao galope e justamente o pé que devia estar aliviado ou então os que acompanham o seu cavallo no galope largo com aquêles que galopam mais na sela do que sua montada no terreno.

Ha quem julgue serem êses deslocamentos exagerados e desnecessarios, uma prova de elegancia ou de grande fato. A êses nada diremos porque temos o habito de respeitar a opinião alheia, mesmo quando a achamos profundamente errada, mas aos que não têm ainda a convicção de que isso seja o certo e pratiquem esse erro por méra inadvertencia aconselhamos com toda a sinceridade que não o façam porque quanto mais fino é o táto mais discretas são as ações e quando menos se desloca o cavaleiro mais elegante fica.

No circo sim... é justificavel que o artista para fazer crêr que obteve com grande dificuldade os gestos do cavallo utilize o seu corpo como um pendulo, que a cada oscilação arranque estrepitosos aplausos.

A citação das ajudas artificiais que vamos fazer é apenas um rapido desfile de nomes para uma apresentação particular ao nosso leitor que certamente já está achando longa a nossa palestra de hoje embora não deixe de reconhecer a importancia do assunto.

Noutras palestras e em tempo trataremos minuciosamente de cada uma dessas ajudas artificiais, indicando os resultados que podem produzir e tambem os maleficios do seu uso descuidado.

São elas: chicote, pingolim, gamarra, focinheira, rédeas rigidas, freio, gege, guia, rédeas longas e todos os demais meios inventados pelo homem com o fim de aumentar ou simplesmente obter o dominio do cavallo.

Conhecidos que são os efeitos das rédeas e pernas e o acôrdo a existir entre elas achamo-nos no direito de dar uma pequena receita equestre: é preciso que o cavaleiro saiba exatamente o que quer que o seu cavallo execute, em seguida determine precisamente as ajudas a empregar para afinal agir com nitidez. A ação nitida é uma consequencia da independencia das ajudas facultade adquiridas pela prática dos exercicios assimetricos e pela atenção do cavaleiro em só mexer as partes do corpo necessarias no caso.

Com o tempo surgirão os reflexos e portanto o que é necessario é estar a cavallo, sempre a cavallo.